

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte: CB

Data: 27/5/2000 Pg. 23

Class.: 05

A caatinga que poucos conhecem

Cientistas se reúnem para debater sertão nordestino e descobrem que ele tem mais espécies exclusivas do que se imaginava

Da Agência Estado

Pouco valorizada pelos ambientalistas e quase esquecida pela pesquisa, a caatinga nordestina abriga uma biodiversidade muito maior do que se pensava e depende da conservação dessa biodiversidade para suportar de modo sustentável a presença humana. Essa é uma das conclusões a que chegaram 150 pesquisadores, ambientalistas e técnicos governamentais reunidos durante toda a semana em Petrolina, Pernambuco, no Workshop da Caatinga. Essa foi a última das reuniões promovidas pelo Ministério do Meio Ambiente, em parceria com organizações não-governamentais (ONGs), para sintetizar todo o conhecimento sobre os ecossis-

temas brasileiros e propor áreas prioritárias de conservação.

A exemplo do que foi feito para a região amazônica, mata atlântica, cerrado, zona costeira e outros ecossistemas, os participantes do workshop definiram 58 áreas prioritárias para conservação da biodiversidade da caatinga — 28 de extrema importância, 12 de muita importância e 18 de alta importância — e 36 áreas onde o conhecimento é particularmente escasso e a pesquisa é a prioridade. Apesar do sertanejo já habitar a caatinga há cerca de 300 anos, só nos últimos 20 anos é que seus recursos começaram a ser de fato pesquisados.

A primeira surpresa do workshop é decorrente desse desconhecimento histórico: na hora de contabilizar o número de es-

pécies de fauna e flora exclusivas da caatinga e verificar sua distribuição, somaram-se 327 espécies peculiares à região (endêmicas) conhecidas. O número oficial antes do evento era 183. O maior percentual de endemismos é dos lagartos (44 espécies) e das abelhas (190 espécies). Também há 13 mamíferos endêmicos, das 147 espécies que ocorrem no ecossistema, e 20 peixes endêmicos, dos 187 descritos pela ciência.

O número de espécies de peixe deve ser bem maior, já que este é um dos campos com menor número de pesquisas. E existem espécies muito curiosas, extremamente adaptadas, como o peixe de nuvem, que vive em poças d'água. Seus ovos ficam latentes durante toda a estação seca e eclodem apenas no auge da estação chuvosa, quando então os filhotes crescem, se reproduzem e morrem, tudo no período de três meses, até a poça secar novamente.

“E a caatinga também não é homogênea”, observa o biólogo

Julio Jacobina/ Diário de Pernambuco 26.5.98



Sertão pernambucano: luta para evitar a devastação do ecossistema

José Maria Cardoso da Silva, da Universidade Federal de Pernambuco, coordenador do workshop. Ele explica que a fisionomia vegetal e a composição de espécies varia muito entre a caatinga das serras, a caatinga das rochas cristalinas, das rochas sedimentares, das dunas de areia, da costa do Rio Grande do Norte

etc. A avaliação das diferenças entre estes tipos de caatinga — que são determinadas pelo tipo de solo, geomorfologia e composição de espécies — ficou para depois do encontro, como sugestão de linha de pesquisa.

“Se queremos proteger de fato a biodiversidade, é importante proteger os diversos tipos de

caatinga”, acrescenta Silva. Hoje, dos 734 mil quilômetros quadrados de caatinga existentes no sertão nordestino, apenas 0,02% estão dentro de unidades de conservação. As duas unidades mais importantes e conhecidas são a Reserva Ecológica do Raso da Catarina, na Bahia, onde vive a ararinha-azul-de-Lear, e o Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, que protege os sítios arqueológicos com os mais antigos vestígios do homem americano.

Além de ser o ecossistema menos protegido do país, a caatinga está no topo da lista dos mais devastados, atrás apenas da mata atlântica e dos cerrados. Os pesquisadores reunidos em Petrolina estimam que 50% do ecossistema já foi alterado, 20% de forma grave. Lavouras de algodão foram responsáveis por grandes áreas de corte raso. A pecuária extensiva, com sobrepastejo de essências nativas, é a maior pressão atual. Má conservação de solos, erosão e corte da vegetação para lenha vêm logo em seguida.